

Logradouros Atuais – Letra A

ABELARDO NUNES DE MORAIS, rua

(Maria Guimarães França) – Liga a rua Raphael Iennaco à rua Maria Castanheira.

Nascido no dia 25 de dezembro de 1888 na fazenda Bom Destino, em Providência, filho de Nemêncio Nunes Ramos e Isabel Nunes de Moraes, ambos espanhóis. Foi cafeicultor, produtor de açúcar e cachaça, além de dedicar-se à agropecuária e à agricultura de subsistência. Encaminhava para o Instituto Butantã os ofídios que capturava em suas terras, recebendo de volta o soro antiofídico que ele mesmo aplicava quando necessário. Dedicou-se também à homeopatia, doando medicamentos para as pessoas carentes. Foi filiado ao PRM, atuando ao lado de Jairo Salgado, Enéas França e Ranulfo Matola. Casou-se com Cristina Coelho da Silva. Faleceu no dia 28 de março de 1974.

ABÍLIO JERÔNIMO, escadaria

(Cemitério) – Liga a rua Manoel Jerônimo à rua Fajardo, na altura do nº 442. Sua denominação surgiu oficialmente com a lei nº 1987, de 04.08.88

ACÁCIAS, rua

(Vale do Sol) – A lei nº 3311, de 19.05.2000, dá denominação de rua das Acácias à via pública desta cidade que no mapa do Loteamento Vale do Sol encontra-se identificada como rua “K”. Tem início na rua Poeta Augusto dos Anjos e finda na rua Serginho do Rock. Seu nome foi indicado pelos próprios moradores da rua.

ACÁCIO SERPA, rua

(Centro) – Começa na rua Presidente Carlos Luz e termina na praça José Pires, no início do bairro Bela Vista. É o antigo leito da estrada de ferro.

A lei nº 603, de 02/03/67 estabelece que “fica denominada rua “Acácio Serpa a via pública nesta cidade, compreendida, digo, compreendendo o antigo leito da linha férrea, iniciando na rua Cel. Olivier Fajardo e terminando na praça sem denominação, no bairro Bela Vista, próxima da variante da Rio-Banhia, em construção.”

Acácio Serpa foi empresário e comerciante no ramo de autos, numa sociedade que detinha a representação da marca Ford e possuía uma enorme oficina localizada na rua José Peres.

ADAUTO NETTO, rua

(Jardim Bandeirantes) – Inicia-se na rua João Malaquias e finda na rua Otto Lacerda França e seu nome surgiu com a lei nº 1.303, de 06.10.78. Na planta cadastral básica da prefeitura e no mapa publicado em 2000, esta rua aparece com o nome de Antonio Neto.

Adauto era ruralista destacado e pessoa muito respeitada.

ADÁVIO PIRES DE ALMEIDA, rua

(Bela Vista) – Começa na rua Roberto Vizani Young. Sua denominação surgiu com a lei nº 2331, de 27.08.91.

Adávio dirigia um escritório de contabilidade e participou da vida política da cidade como vereador, em 1966 e candidato a prefeito. Casado com Maria da Luz do Vale, filha de João Rodrigues da Silva Vale e Odília Dutra. Era irmão de Trajano Pires de Almeida casado com Maria América do Vale, irmã de Maria da Luz. Residia na rua Presidente Carlos Luz, próximo à praça Gama Cerqueira.

AFONSO TEIXEIRA DE MATOS, rua

(Popular) – A lei nº 3.339, de 19.12.2000, dá denominação à via pública desta cidade que, no mapa do loteamento do encontra-se identificada como rua “H”.

Afonso era motorista do DNER, nasceu em São Domingos a 17.10.1923 e foi casado com Cecília Gonçalves de Matos. Faleceu em 27.08.1997. Seu filho Paulo Afonso Gonçalves de Matos é, também, nome de rua da cidade.

AGNELLO CORRÊA DO BEM, rua

(Imperador) – Liga a av. dos Expedicionários à reserva florestal do bairro Imperador. Surgiu com a lei nº 3180, de 19.10.99.

Agnello era ruralista. Adquiriu as terras de Moisés Domingues, localizadas no bairro Três Cruzes, onde morou. Era casado com Aparecida Silva do Bem.

AGOSTINHO MENEGHITE, beco

(Quinta Residência) - Inicia na rua Nossa Senhora Aparecida e finda no beco do Antônio Meneghite e teve seu nome oficializado pela lei nº 2367, de 13.11.91.

Ver família em Santo Meneghetti.

AGOSTINHO SILVINO TEIXEIRA DE REZENDE, rua

(Três Cruzes) – Começa nas proximidades da praça Antonio Ferreira de Almeida.

A lei nº 3145, de 23.04.99, que dá nome a esta via pública diz ser ela a antiga rua “L” do bairro São José.

AGRIPINA EDUARDA C. SILVA, escadaria

(Vila Miralda) – Fica na rua Cândido Veloso e liga o bairro Redentor à vila Miralda, nas proximidades da rua Geronimo da Silva. Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 2.956, de 06.08.97.

Agripina era casada com João Cândido que, durante muitos anos, trabalhou na carpintaria da prefeitura.

ALAN KARDECK, rua

(Quinta Residência) – Liga a praça João Bella à BR-116, no trevo próximo ao bairro Eldorado. Foi a lei nº 1091, de 08.08.75, do vereador Roberto Vizani Yung, modificada pela de nº 1096 que lhe deu o nome.

A denominação desta rua é uma homenagem ao professor francês Denizard Hipolyte-Léon Rivail que adotou este nome nos trabalhos relativos à codificação espírita, para evitar que sua notoriedade de educador na França e Suíça interferissem em obra de natureza tão diversa. O professor Denizard nasceu em Lion, França e dedicou os últimos anos de sua vida à organização do edifício doutrinário do Espiritismo. Fundou, em 01.04.1858, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, a primeira regularmente constituída na França. Escreveu vários livros sobre espiritismo. Faleceu em Paris a 31.03.1869, com 65 anos.

ALBERTO NUNES DE MORAES, rua

(Maria Guimarães França) – Liga a rua Raphael Iennaco à rua Maria Castanheira. Sua designação surgiu com a lei nº 1143, de 06.08.76, que dizia estar localizada no terreno onde foram construídas as casas populares da COHAB – MG.

ALCEU JUNQUEIRA FERRAZ, rua

(Bela Vista) – Liga a rua Manoel Monteiro à Ismail Ávila. A lei nº 884, de 15.05.1973, dá denominação de rua Alceu Junqueira Ferraz, à via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua W.

Procedente de Passa Quatro, MG, foi casado com Guilhermina Tomé Junqueira com quem residia em sua fazenda Passa Tempo, em Abaíba. Em Leopoldina construiu uma bela casa ao lado da residência do Dr. Ormeu Junqueira Botelho, na praça Félix Martins. Sua esposa era filha de Tomé Junqueira e D. Iria, residentes em frente ao grupo escolar Botelho Reis.

ALEXANDRE SALIM RECHE, rua

(Imperador) – Começa na rua Renato Monteiro Junqueira e termina na reserva florestal do bairro. Seu nome surgiu com a lei nº 3187, de 19.10.99.

Alexandre Salim Reche foi comerciante e trabalhou na antiga Transportadora Comissário Barbosa. Residiu em Providência. Após seu casamento com Maria Assunção de Castro, veio para Leopoldina e morou na praça do Rosário. Posteriormente residiu, durante algum tempo, no Rio de Janeiro. Voltou para Leopoldina e adquiriu uma casa na parte alta da rua Tiradentes, local onde hoje existe o prédio de residência de seus descendentes. De seu casamento são os filhos: Helena Maria de Castro Reche, casada com José Carlos Rodrigues Cerqueira; Sônia Regina de Castro Reche, casada com Antonio Carlos Lima Ienaco; José

Anderson de Castro Reche, casado com Maria Inês Alvim; e, Alexandre Antonio de Castro Reche, casado com Jane Werneck Ladeira.

Alexandre Salim Reche, falecido 09.12.1993, era neto do libanês João José Reche e bisneto de Salim João Reche e Helena Shabe.

ALFREDO MARTINS, beco

(Quinta Residência) – Começa na rua Antonio Fernandes Valentim entre os nº 15 e 9, e vai terminar em terreno de Jorge Abrão Salum. Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 1990, de 04.08.88.

ALICE RODRIGUES VALENTIM, rua

(Jardim Bela Vista) - Até então identificada como rua 08, teve a sua denominação oficial a partir da lei nº 3.300, de 12.09.2000. Tem seu início na av. dos Expedicionários e finda na rua Anderson Pereira Bela.

Alice era casada com Otto Valentim e mãe, dentre outros, do ex-vereador Wilson José Valentim, também homenageado com nome de rua da cidade.

ALINE MONTEIRO GOMES, rua

(Dona Euzébia) - Via pública que no mapa do loteamento encontrava-se identificada como rua "F" e recebeu seu nome atual pela lei nº 3.391, de 26.12.2001.

Tia Aline mantinha um jardim de infância em sua casa, na rua Custódio Junqueira, em frente à antiga farmácia Marialva, nas proximidades do atual restaurante Cheiro Verde.

ALÍPIO ASSUNÇÃO, praça

(Pirineus) – É a praça principal do bairro.

O nome dessa praça foi dado pela lei nº 571, de 30.07.1965, que diz passar a denominar-se "Alípio Assunção, a praça existente no alto dos Pirineus, onde se acha instalado um chafariz."

Segundo consta, Alípio era calceteiro da prefeitura.

ALOISIO SOARES FAJARDO, rua

(Nova Leopoldina) – É uma das paralelas à r. Ismail Ávila na qual inicia e finda na rua Sílvio Vitói. Sua denominação surgiu com a lei nº 2551, de 19.10.93.

Aloisio era bancário e colaborador freqüente da Gazeta de Leopoldina. Idealizou e fundou, junto com Oldemar Montenari, a Sopa da Fraternidade no Centro Espírita Amor ao Próximo.

Nascido no dia 25 de agosto de 1921, em Leopoldina, era filho de Joaquim Honório Fajardo e Marinha Soares. Seus avós paternos, Joaquim Fajardo de Melo Campos e Guilhermina Balbina, pertenciam a tradicionais famílias de Piacatuba. Seus avós maternos foram Antenor de Souza Soares e Rosa Amália. Casou-se com Maria Assunção, com quem teve os filhos José Antônio, Iran, Maria de Fátima, Aloisio e Arapuan. Faleceu em Juiz de Fora no dia 5 de junho de 1990.

ALONSO NOGUEIRA, rua

(Joaquim Furtado Pinto) – A lei nº 1.753, de 09.08.85, do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende deu nome à rua que se inicia na avenida Tancredo Neves e finda na rua Wilson Valentim.

Alonso Nogueira nasceu no distrito de Ribeiro Junqueira a 30.09.1894 e faleceu a 26.05.1977. Era casado com Marieta Poyares Nogueira. Foi agropecuarista e vereador por seu distrito natal. Ficou popularmente conhecido como Tomé Nogueira.

ALTEMIRO AUGUSTO RODRIGUES, rua

(Vila Miralda) – Tem seu início na av. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e finda na confluência das ruas Gerônimo da Silva e Cândido Veloso. Sua denominação oficial ocorreu com a lei nº 1.202, de 05.08.77.

Segundo consta, Altemiro teria construído as 28 primeiras casas da Vila Miralda. Era filho de Paulino Augusto Rodrigues, também nome de rua e, de Umbelina Cândida Rodrigues. Nasceu em 03.02.1899 e faleceu em 27.09.1975.

Ver, também, Miralda, vila, Nestor Augusto Rodrigues e Paulo Augusto Rodrigues.

ÁLVARO BASTOS FARIA FREIRE, rua

(Gramma) – Começa na rua Manoel Lobato, junto à praça Professor Ângelo.

A lei nº 938, de 17.10.1973, diz que “fica denominada rua Álvaro Bastos Freire, a via pública que partindo da praça Prof. Ângelo vai até o córrego Feijão Cru.”

Álvaro era irmão de Durval Bastos, também homenageado em logradouro. Era filho de Secundino de Matos Freire e de Ana Bastos. Nasceu em São Lourenço, foi casado com Januária Nogueira com quem teve pelo menos um filho de nome Antonio Bastos Freire.

Além de Durval e Álvaro, Secundino de Matos Freire e Ana Bastos foram pais também de: Etelvina Freire, falecida em Leopoldina a 15 fevereiro 1920 em Leopoldina; Everaldo de Bastos Freire; e, Zulmira de Bastos Freire, nascida por volta de 1882 e casada a 24.11.1904, em Leopoldina, com Vicente Araújo de Melo.

Pelo lado materno Álvaro Bastos Faria Freire descendia de Francisco Barreto Faria e Melo, falecido em Leopoldina a 10 julho 1908.

Ver Durval Bastos e Jonas Bastos.

ÁLVARO BOTELHO JUNQUEIRA, DOUTOR, rua

(Fátima) – Começa na rua Optato Lacerda França.

A lei nº 893, de 15.05.1973, “dá denominação de rua Álvaro Botelho Junqueira à via pública que começa em rua sem denominação e termina junto ao terreno de Naylor Harley Resende Domingues, no Bairro de Fátima.”

Dr. Álvaro nasceu no Rio de Janeiro, em 22.12.1905 e transferiu-se para Leopoldina em 1928. Faleceu no Rio de Janeiro em 26.08.1964. Foi fazendeiro e médico muito conceituado na cidade.

ÁLVARO DO AMARAL, rua

(Jardim Bela Vista) – Tem seu início na rua João Meneghite e finda na rua Anderson Pereira Bela. A lei nº 3.315, de 30.10.2000, lhe deu esta denominação.

Álvaro nasceu no dia 5 de dezembro de 1914 em Pirapetinga, filho de Alfredo Américo do Amaral e Joana Gama e faleceu em Leopoldina a 7 de abril de 1981. Foi casado com Marta Mariana Salomão, com quem teve os filhos Marialva, Joanice e Marilda.

Farmacêutico prático com registro no Rio de Janeiro, exerceu a profissão durante 40 anos, a maior parte deste tempo em Leopoldina. Inicialmente trabalhou em Laranjal. Naquela época atuava eventualmente como obstetra, sempre que havia necessidade.

ALZIRO DE AZEVEDO CARVALHO, PROFESSOR, rua

(Imperador) – Começa na rua Agnello Corrêa do Bem. Sua denominação ocorreu com a lei nº 3184, de 19.10.99.

Professor Alziro nasceu em fevereiro de 1910, na Vila de São Miguel (Guaçuí), Espírito Santo, filho de Manoel Olegário de Carvalho e Rita de Azevedo. Fez o curso primário em Guaçuí e o início do curso ginásial na cidade de Alegre, ES. Posteriormente estudou no Colégio São Joaquim em Lorena, SP, concluindo o ginásial. O curso Comercial foi feito no Ginásio Leopoldinense, para onde transferiu-se em 1926. Em 1930 voltou para o estado natal, lecionando em Cachoeiro de Itapemirim. Retorna definitivamente para Leopoldina no ano seguinte, a convite do professor Carlindo Mayrinck, tendo exercido as funções de enfermeiro, chefe de disciplina, professor, vice-diretor e diretor, sempre do Ginásio.

Em 1934 fundou a Liga Esportiva do Colégio Leopoldinense (Ginásio). Em 1946 deixou o magistério e logo depois ingressou na política, tendo sido um dos fundadores do diretório municipal do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Foi vereador por 8 anos e vice-prefeito em uma legislatura.

De sua atuação política são referências as casas populares nos Pirineus, o antigo SAPS (Cobal), a agência do IAPI (depois INPS), a criação do SAMDU e a instalação da residência do DNOS. Em 1962 afastou-se da política partidária para dedicar-se à atividade empresarial. Foi

proprietário da Água Mineral Thebana, um dos fundadores da Associação Comercial de Leopoldina, comerciante varejista e representante da Companhia Antártica Paulista na cidade.

Foi casado com Anita Iennaco, nascida no dia 24 de maio de 1916 em Leopoldina, MG ~~19 de março de 1885 em Maratea, Potenza, Basilicata, Italia~~, filha de Lorenzo Iennaco, também nome de logradouro na cidade. De seus filhos Arlene, Arlenice e Alzirinho, são os netos Antonella, Rodolpho Affonso, Ana Flávia, José Vicente, Thiago, Anna e Alziro Neto, bem como os bisnetos Júlia, Vinícius, Lucca, Ernesto e Helena.

Faleceu em Leopoldina aos 86 anos, no dia 16 de agosto de 1996.

AMANDA FONSECA, rua

(Fátima) – Começa na rua Farmacêutico Durval Bastos e finda próximo ao córrego Feijão Cru. Foi criada pela lei nº 3.089, de 22.10.98.

Amanda, natural de Tebas, era casada com Edmundo Costa, também homenageado em logradouro.

AMÉRICO DUTRA MEDINA, rua

(Fátima) – Liga a rua Ercília Guimarães à rua Gentil Pacheco de Melo. A lei nº 2246, de 18.10.90, que deu a atual denominação, diz que ela parte da rua Farmacêutico Durval Bastos e vai terminar na rua Gentil Pacheco de Melo, margeando com a Novafar.

AMÉRICO O. ROCHA, beco

(Pirineus) – Está localizado na rua Cipriano Pereira Baia.

Segundo consta, Américo era filho de Manoel Antonio da Rocha e Mariana Esméria de São José, nascido 21.10.1873, em Piacatuba e foi casado ali mesmo com Georgina Lebistânia de Oliveira a 21.10.1896.

ANANIAS SERAFIM, beco

(Fábrica) – A lei nº 1.792, de 08.04.86, de Nelito Barbosa Rodrigues, deu nome a este beco. Tem seu início na av. Getúlio Vargas, entre os números 489 e 499 e vai terminar em terrenos do loteamento Chico Bastos.

Ananias nasceu em Leopoldina no ano de 1885 e faleceu em 1969. Foi lavrador e funcionário da prefeitura municipal. Casou-se com Maria Esméria.

ANDERSON PEREIRA BELLA, rua

(Jardim Bela Vista) – Tem início na rua Geraldo Alves Ferreira e finda na rua Pacifico Rocha. Seu nome surgiu com a lei nº 3.306, de 15.09.2000.

A família Pereira Bella tem sido objeto de nossa atenção desde os estudos realizados sobre a presença de imigrantes em Leopoldina. Deles encontramos as primeiras referências na

cidade através do casal Antonio Pereira da Bella e Henriqueta Maria Monteiro. Ele era padeiro e em 1873 já figurava entre os comerciantes da cidade. Era irmão de José Pereira da Bella, nascido em Portugal por volta de 1844 e falecido em Leopoldina a 10 de agosto de 1884.

Foram filhos de Antonio e Henriqueta: - Alfredo nascido em Leopoldina a 9 outubro 1859; - Antonio, nascido em Leopoldina a 9 abril 1863; - Alfredo Augusto Pereira da Bela, nascido a 13 maio 1865; - José, nascido a 31 março 1867; e, Heriqueta, nascida 12 agosto 1869.

De Antonio e José Pereira da Bella descendem todos os usuários do sobrenome de Leopoldina, bem como dos moradores de Muriaé, pertencentes a um ramo da família que migrou para aquela cidade.

A maior descendência encontrada em nossa cidade é a de Alfredo Augusto Pereira da Bella, casado a primeira vez com Alexandrina Alencar ou, Álvares e, segundas núpcias, com Alexandrina Maragna. A primeira esposa faleceu por volta de 1908 deixando 6 filhos. Do segundo casamento, em 1926, parece não ter havido descendência.

Eleitor em Leopoldina no ano de 1892, Alfredo era lavrador como todos os seus parentes contemporâneos. Foram seus filhos: Antonia, nascida em 1891 e falecida em Leopoldina a 12 novembro 1918 em consequência da gripe espanhola; José Pereira da Bella que se casou com Theonilla Lomba a 18 de abril de 1918; Sebastião Pereira da Bella, casado com Santina Sellani, que migrou para Muriaé; Zelia, nascida em setembro de 1900 e falecida em Leopoldina no mês seguinte; Getomim Pereira de Bella, homenageado com logradouro, conforme verbete próprio; e, João Pereira da Bella, nascido por volta de 1908.

ÂNGELA LOPES DE ALMEIDA, rua

(Popular) – Tem seu início na estrada que dá aceso ao Horto Florestal e finda na rua Francisco Luiz Pereira. Foi criada pela lei nº 3.338, de 19.12.2000.

ANGELES ECHEVERRIA, MADRE, praça

(Cemitério) – Fica no final da rua Manoel Januário. Seu nome surgiu com a lei nº 2631, de 30.06.94, do vereador Roque Schettino.

ÂNGELO COLI, rua

(Pedro Brito Netto) – É a antiga rua “F”, com início na rua C e final na rua José Rodrigues Werneck. Foi criada pela lei nº 3.087, de 22.10.98.

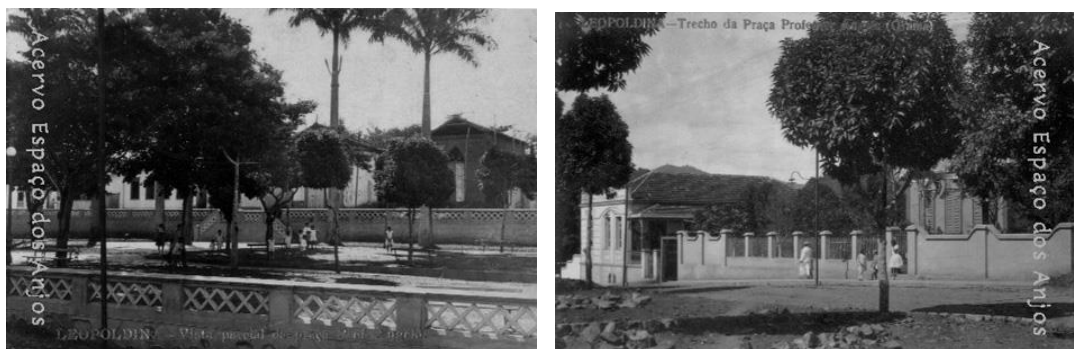
Ângelo nasceu a 11.02.1907 em Cesarolo, *frazione* da *comune* de San Michelle al Tagliamento, provincia de Venezia, região do Veneto, Italia. O nome original era Angelo Colle e seus pais foram Francesco Colle e Pierina Galasso. Seu pai e seus irmãos Santa, Marcelina e Regina nasceram na mesma *frazione*. Sua mãe nasceu na *comune* de Latisana, provincia de Udine, região Friuli Venezia-Giulia, Italia no dia 29 de junho de 1873. A família instalou-se na

Colônia Constança em 1910 e ali nasceram os irmãos mais novos de Angelo: Antônio José em 1915 e Francisco João em 1918. Angelo Colle casou-se com Ana Sangirolami com quem teve pelo menos os filhos José, Maria, Marina e Nelsina.

Angelo Colle foi proprietário de um dos lotes da Colônia Constança, ao qual sempre se dedicou.

ÂNGELO, PROFESSOR, praça

(Grama) – É a praça principal do bairro. Hoje, quase toda ela está tomada pelo Grupo Escolar Professor Botelho Reis (Grupo Novo). No passado foi conhecida como largo da Grama.



Sobre esta praça o jornal O Leopoldinense, de 12.05.1895, informa “que os moradores do lugar reclamam das obras de ajardinamento do largo em frente à Igrejinha. Dizem que as escavações estão provocando a retenção das águas pluviais.”

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o nono quarteirão abrangia a rua capitão João Gualberto, largo Professor Ângelo e rua da Boa Vista até encontrar a rua das Flores.”

Barroso Júnior diz que o Professor Ângelo era um mestre devotado, que envelheceu instruindo os leopoldinenses.

Um Almanaque de 1887, que fala sobre Leopoldina, diz que o Professor Ângelo Lopes dos Reis foi o fundador da capela da Soledade (atual Igreja de São Pedro) e que o mesmo “exerceu o magistério público por tanto tempo que chegou a ter discípulos, netos de seus primeiros discípulos.”

O professor Ângelo Lopes dos Reis foi nomeado professor de “aulas públicas” para o sexo masculino no dia 22 de setembro de 1869. Foi, portanto, o segundo professor de meninos em Leopoldina.

ANÍZIO MEDEIROS FONTES, rua

(Três Cruzes) – A denominação desta rua surgiu com a lei nº 3143, de 23.04.99.

ANTENOR RIBEIRO DOS REIS, rua

(Bela Vista) – Liga as ruas João Teixeira de Moura Guimarães e Oldemar Montenari. O nome desta rua surgiu com a lei nº 888, de 15.05.1973, que “dá denominação de rua Antenor Ribeiro dos Reis, à via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua Z.

Antenor Reis era fazendeiro, industrial e foi vereador.

ANTERO FERNANDES, escadaria

(Cemitério) – Liga o final da rua Manoel Januário e a praça Madre Angeles Echeverria, ao final da rua Fajardo, nas proximidades do trevo de acesso a Cataguases. Foi criada pela lei nº 1986, de 04.08.88.

ANTONIO, SANTO, bairro, rua e vila

Bairro - Hoje este bairro se confunde com os bairros do Seminário e Arthur Leão. É o bairro onde está o Asilo Santo Antonio. Geralmente são denominadas ruas do bairro do Asilo aquelas que ficam nas imediações daquela instituição. No entanto, oficialmente estas vias pertencem aos bairros Arthur Leão ou, Seminário.



Segundo consta, o Asilo ocupa terrenos que pertenceram à antiga Chácara do padre Soleiro.

O padre José Maria Soleiro, de origem espanhola, vivia em Leopoldina na época da emancipação da então Freguesia de São Sebastião do Feijão Cru. Em 1856 declarou possuir 12 alqueires de terras que divisavam com Luis Botelho Falcão, Francisco Antônio Teixeira, Antônio José Pinto de Almeida, herdeiros de João Ides de Nazareth e as terras doadas por vários moradores para constituírem o patrimônio de São Sebastião.

Após a morte do padre Soleiro a propriedade teria sido dividida entre antigos escravos que lhe prestavam serviço. Uma das herdeiras, conhecida pelo nome de Joaquina Soleiro, teria herdado também antiga imagem de Santo Antônio de Pádua, pertencente ao padre.

Quando já atingira idade avançada, Joaquina Soleiro manifestava o desejo de ver preservada a sua casa, para acolhimento de pessoas idosas e devoção a Santo Antônio. Já no final da década de 1930, antigos moradores lembram-se da casa onde viviam diversas senhoras idosas e onde existia uma capelinha dedicada a Santo Antônio. Segundo Manoel

Leonardo de Melo, um dos mais antigos funcionários do Asilo, ele foi o construtor de uma expansão da casa original onde foi colocada a imagem.

Com a chegada do bispo Dom Delfim a Leopoldina, foi acordado com Joaquina que seu desejo seria cumprido e que ela teria acolhida na Casa de Caridade até o fim de seus dias. Em dezembro de 1943 foi lançada a pedra fundamental do Asilo Santo Antônio. Em junho de 1945 a diocese oficializou a doação de metade do terreno que Joaquina transferira para a Casa de Caridade, e onde já estava em andamento a construção do Asilo. O primeiro presidente do Asilo foi o Dr. Oswaldo Christovam Vieira.

Rua - (Três Cruzes) – Começa na rua Ferreira Brito. A lei nº 1.282, de 18.08.1978, dá denominação de Santo Antônio, padroeiro do bairro, à via pública nas Três Cruzes, identificada como rua C.

Vila - (Redentor) – A lei nº 1.693, de 04.10.84, dá denominação de “Vila Santo Antônio” ao beco localizado no Alto da Ventania, que tem início na rua Xavier de Souza e segue em direção à COPASA. Segundo projeto do vereador Ely Rodrigues Neto, o nome foi em atenção a um abaixo-assinado dos moradores do referido local.

A devoção a Santo Antonio vem de tempos remotos em Leopoldina por conta da fé naquele que se tornou conhecido como o “santo do povo, dos menos favorecidos”.

Nascido em Lisboa, Portugal, com o nome de Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo em 15 de agosto de 1195, Santo Antonio, era de família nobre e rica. Após abraçar a vida religiosa transferiu-se para a Itália. Ensinou Teologia em *Padova* e daí vem o complemento do seu nome religioso: Santo Antônio de Pádua.

ANTONIO ALMEIDA RAMOS, rua

(Praça da Bandeira) – Liga as ruas Murilo Rodrigues Pinto e Eny Lacerda Sales. Sua denominação ocorreu com a lei nº 2326, de 27.08.91.

O homenageado foi um dos muitos descendentes do português Antônio de Almeida Ramos nascido na Freguesia do Espírito Santo do Landal, Termo e Concelho de Óbidos, na época Patriarcado de Lisboa, Portugal. Em 1742, época em que Antônio de Almeida Ramos passou ao Brasil, não havia Comendador da Ordem de Malta residente no Landal. Nesta época era Procurador da Comenda o pai de Antônio: João de Almeida que, por natureza do cargo, se ocupava da administração direta e da contabilidade da Comenda da Ordem de Malta na Freguesia do Espírito Santo do Landal. Pela participação da Ordem na administração do Reino conclui-se que a vinda de Antônio e dois de seus primos para o Brasil tenha sido decidida por seu pai. Instalando-se na região da serra da Ibitipoca, ali casou-se com Maria de Oliveira Pedrosa no dia 28 de julho de 1757. Após o falecimento de Maria de Oliveira Pedrosa a 14.07.1798 e da morte do marido no dia 16 de julho de 1800, oito dos dez filhos do casal utilizaram-se dos bens partilhados para adquirir propriedades em regiões ainda pouco povoadas. O caçula destes filhos, Manoel Antônio de Almeida, de quem se falará em outro

verbete, adquiriu uma fazenda no Feijão Cru em 1828 e estimulou inúmeros parentes para virem residir em nossa região. De outros três filhos de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa vieram filhos, netos e agregados que formaram a grande família Almeida Ramos em Leopoldina.

Sobre o homenageado, Antônio de Almeida Ramos, sabemos que nasceu a 11 de setembro de 1903 em Recreio e faleceu em Leopoldina a 06 de fevereiro de 1984. Era filho de Honório Augusto Almeida Ramos e de Ana Galvão. Casou-se com Isolina Machado Gouvêa, filha de Mariana Custódia de Moraes e José Vital de Oliveira.

Neto paterno de Antônio José de Almeida Ramos e Mariana Inácia de Oliveira, era bisneto paterno de Antônio Prudente de Almeida casado com Inácia Graciana do Nascimento e de José Carlos de Oliveira casado com Tereza Maria de Jesus. Seus terceiro-avós pelo ramo paterno foram Francisco Gonçalves Pereira casado com Ana Teodora de Almeida e Manoel José Franco casado com Inácia Maria de Oliveira.

Entre seus ancestrais da quinta geração vamos encontrar Francisco Gonçalves da Costa e Josefa Maria do Espírito Santo, de quem descendem diversos dos antigos moradores do Feijão Cru, bem como o acima citado patriarca Antônio de Almeida Ramos. No mesmo nível de parentesco, Antônio descendia de Manoel José do Bem e da ilhoa Tereza Maria de Jesus, além do casal José de Gouvêa e Teodósia de Oliveira, ambos também ancestrais de antigos moradores do Feijão Cru.

Este homenageado é um dos mais lídimos representantes, em Leopoldina, da descendência mineira dos açorianos que povoaram o centro de Minas nos séculos dezessete e dezoito.

ANTONIO CARLOS DE ALMEIDA RAMOS, rua

(São Cristóvão) – Liga a rua Garibaldi Cerqueira à rua João Paulo Barbosa.

Antonio Carlos era descendente de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa acima citados.

ANTONIO CUSTÓDIO, rua

(Pirineus) – Liga a rua Cândido Ladeira à travessa São Vicente de Paula.

Antonio Custódio era calceteiro da prefeitura e residia na rua Marechal Deodoro da Fonseca, junto à ponte do Feijão Cru.

ANTONIO DE OLIVEIRA FILHO, rua

(São Cristóvão) – Começa na rua Domingos Zambrano. Foi criada pela lei nº 1.318, de 14.12.78.

ANTONIO DE OLIVEIRA GUIMARÃES, DOUTOR, rua

(Fábrica) – Liga a avenida Getúlio Vargas à travessa Job Figueiredo. Em geral as pessoas a ela se referem como rua do INSS. Na década de 1960 ali existia um campinho de futebol muito concorrido e que ficou conhecido como “campinho do Cocota”.

A lei que deu nome a esta rua é a de nº 734, de 27.11.1970, que diz: Fica denominada rua Dr. Antônio Oliveira Guimarães a via pública que, partindo da av. Getúlio Vargas segue até a igreja São José.

Dr. Guimarães nasceu em 01.12.1890 e faleceu em 13.04.1970. Foi vereador, deputado estadual, Secretário de Saúde de Minas Gerais e um médico muito conceituado na cidade. Lecionou na Faculdade de Odontologia de Leopoldina. Era filho de Antônio Teixeira de Oliveira Guimarães Júnior e Albertina Maria. Sua segunda esposa foi Olga Ramos Pinto com quem se casou a 06.12.1919. Ela era filha de Emílio Augusto Pereira Pinto e Hermínia Cândida Ramos. Sua avó materna Amélia Carolina Pereira Pinto era irmã de Emílio Augusto Pereira Pinto. Seu avô materno, Antônio José Alves Ramos, foi proprietário da farmácia Central, localizada no imóvel reformado para abrigar o Colégio/Ginásio Leopoldinense. A família de Olga Ramos Pinto foi profundamente ligada ao Dr. Guimarães, especialmente por conta de sua militância política.

ANTONIO DO COUTO FILHO, rua

(Maria Guimarães França) –Criada pela lei nº 1142, de 06.08.76, tem seu início na rua Raphael Iennaco e finda na rua Maria Castanheira.

ANTÔNIO DO VALE NETO, rua

(Jardim Bela Vista) – Tem seu início rua Vicente Basile e finda próximo ao lote nº 10 da quadra nº19. Recebeu esta denominação através da lei nº 3.296, de 12.09.2000.

Mutinho, como ficou conhecido, era filho de Marcelo do Vale e Ana (Anita) de Oliveira. Pelo lado materno, era neto de Antonio Justino de Oliveira e Ignácia de Almeida Oliveira.

Durante muitos anos foi proprietário de bar, botequim e trabalhou como garçom no restaurante do Clube Leopoldina.

ANTONIO FERNANDES VALENTIM, rua

(Quinta Residência) – Liga a av. Jehu Pinto de Faria, nas proximidades do posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal à rua Alan Kardeck. Por muito tempo foi conhecida como rua do Sapo. Pela lei nº 475, de 28.05.1963, recebeu a denominação de rua “Antônio Valentim a via que parte do alto da Ventania e vai até o bar e restaurante Caiçaras, no bairro São Pedro, nesta cidade.”

Antonio Fernandes Valentim era comerciante no ramo de açougue e deixou grande descendência. Segundo consta era pai de Otto Valentim, de quem registramos uma curiosa

nota da Gazeta de Leopoldina, de 10.04.1910, que fala de uma briga entre os menores, Afonso Silva e João Lima, no quintal de uma casa da rua Tiradentes, onde o Afonso acertou o menor Otto, filho do Antonio Fernandes Valentim, que sofreu forte comoção e foi atendido pelo Dr. Nunes Pinheiro.

ANTONIO FERREIRA DE ALMEIDA, praça

(Três Cruzes) – Localiza-se no início da rua Manoel Turíbio Barbosa. Sua denominação atual surgiu com a lei nº 3140, de 23.04.99.

Nascido a 11.06.1881, filho de Francisco Rodrigues de Almeida e Maria José Neto, ambos pertencentes às famílias de Antônio de Almeida Ramos e Joaquim Ferreira Brito. Casou-se com Maria da Conceição Andrade Neto, filha de Paulino de Andrade Neto e Júlia Teresa Ferreira Neto, ambos de famílias ligadas aos Almeida Ramos, Gonçalves Neto e Ferreira Brito.

ANTONIO FRANCISCO VALVERDE, rua

(Maria Guimarães França) - Apesar de não sabermos exatamente quem foi este homenageado, valemo-nos do verbete para citar que esta família é mencionada entre os moradores de Leopoldina desde meados do século dezenove. O patriarca, João Pereira Valverde, adquiriu terras da fazenda dos Vitais, em Piacatuba, a 27.05.1872. Acreditamos que tenha sido para acréscimo de sua propriedade, já que desde alguns anos antes o sobrenome já aparece como referência ao local até hoje conhecido como “Valverdes”. Dois filhos de João Pereira Valverde deixaram enorme descendência em Leopoldina, de seus casamentos nas famílias povoadoras.

ANTONIO FREDERICO OZANAN, rua

(Fátima) – É a subida da igreja São José.

O nome desta rua surgiu com a lei nº 829, de 09.08.1972, cujo texto diz: “Passa a denominar-se rua Antônio Frederico Ozanam, a via pública desta cidade, que partindo da rua Jonas Bastos, passa pela matriz São José e termina na rua Gentil Pacheco de Melo.”

É uma homenagem a Antonio Frederico Ozanam Coelho, criador do movimento Vicentino. A Sociedade São Vicente de Paula, composta de Conferências de discípulos de São Vicente que buscam alcançar, através da prática da caridade simples e cristã, a própria santificação.

ANTONIO GARCIA DE CARVALHO, rua

(Bela Vista) – Começa na rua Manoel Monteiro. Recebeu esta denominação a partir da lei nº 2797, de 13.12.95.

ANTONIO LAMOGLIA, rua

(Maria Guimarães França) – Começa na rua Raphael Iennaco e finda na rua Maria Castanheira. Teve sua denominação oficializada pela lei nº 1151, de 10.09.76.

Antonio Lamoglia era comerciante e possuía uma padaria na rua Cotegipe, nos anos de 1940.

O sobrenome original, Lammoglia, é proveniente da *comune* de Maratea, província Potenza, região Basilicata, Itália. Um dos imigrantes desta família, Biaggio Lammoglia, voltou para a Itália e morreu como herói em Messina, Arábia, a 05.09.1967. Os outros deixaram grande descendência em Leopoldina. O casal tronco era formado por Giovanni Lammoglia e Filomena Panza.

ANTONIO LIMA DOS REIS, rua

(Pinguda) – É parte do leito da estrada que segue para o distrito de Providência. Seu nome surgiu com a lei nº 1948, de 04.02.88.

ANTONIO MACHADO DE MATOS, rua

(Pirineus) – Começa na rua Franklin José da Silva e termina nas proximidades da BR-116. Projeto de lei de autoria do vereador Darcy Luiz V. Rezende que se transformou na lei nº 1681, de 10.09.84.

Antônio Machado Matos, nasceu em Tebas, no dia 27.06.1913, filho de Pedro Machado Dias e Maria Garcia Dias. Casou-se com Nair Almeida Machado, nascendo dessa união 9 filhos. Foi proprietário rural e comerciante, tendo residido em rua próxima à que recebe o seu nome.

ANTONIO MENEGHITE, beco

(Quinta Residência) – Ver Agostinho Meneghite.

ANTONIO MOURA DE OLIVEIRA GUIMARÃES, rua

(Praça da Bandeira) – Liga a rua Joaquim Garcia de Oliveira à rua Lino Gonçalves.

A lei nº 942, de 17.10.1973, “dá denominação de rua Prof. Antônio Moura de Oliveira Guimarães à via pública que é a primeira paralela à rua Marechal Deodoro, no bairro Lino Gonçalves.”

Antonio Moura de Oliveira Guimarães, o professor Moura, nasceu em Leopoldina no dia 17 de janeiro de 1895 e aqui faleceu a 11 de setembro de 1965. Casou-se com Nair Soares a 16.09.1941 e deste consórcio são os filhos Paulo Afonso (falecido) e José Antônio.

Jornalista profissional, professor de nível secundário, escritor e poeta, publicou em jornais e revistas diversos contos, ensaios e poemas. Por cerca de 20 anos residiu no Rio de Janeiro, onde trabalhou nos jornais Correio da Manhã, como jornalista e revisor de textos e no

Jornal do Brasil, como revisor de textos, chefe e editor adjunto. De volta a Leopoldina, durante cerca de 15 anos lecionou no Ginásio Estadual Professor Botelho Reis, como professor titular das cátedras de Português e Francês, lecionando também Literatura e Latim.

ANTONIO NETTO, vila

(Centro) – Fica na rua das Flores, conforme se deduz do texto da lei nº 950, de 17.10.1973, que “dá denominação de vila Antônio Netto à via pública que partindo da rua Ranulfo Matola de Miranda (rua das Flores), entre os números 147 e 121, vai até a margem do córrego Feijão Crú.”

ANTONIO NOVATO DE MORAIS, ladeira

(Seminário) – Liga a rua Padre José Domingues Gomes à rua Lourenço Santana. O seu nome oficial surgiu com a lei nº 2074, de 12.05.89.

ANTONIO SALOMÃO, rua

(Fábrica) – Era um dos “Becos da Fábrica”. Diz a lei municipal nº 1001, de 08.03.1974 que, fica denominada rua Antônio Salomão à via pública ainda sem denominação oficial, que partindo da rua Sindicato Têxtil, vai na direção da rua Marechal Deodoro.

APARECIDA, NOSSA SENHORA, rua

(Quinta Residência) – Liga as ruas Antonio Fernandes Valentim e Alan Kardeck. É o antigo leito da Rio-Bahia, antes do asfaltamento da nova estrada que se transformou na avenida Jehu Pinto de Faria. Nesta rua está a igreja de Nossa Senhora Aparecida. Sua denominação surgiu com a lei nº 1097, de 10.10.75.

Nossa Senhora Aparecida tem o dia 12 de outubro como o de sua devoção. O Santuário de Aparecida surgiu após 1717, quando três pescadores (Domingos Garcia, João Alves e Felipe Pedroso), moradores nas margens do Rio Paraíba, no município de Guaratinguetá – SP, cansados e desanimados por não terem apanhado peixe algum, lançaram mais uma vez a rede e retiraram das águas o corpo de uma imagem escura e sem cabeça. A partir daí, a devoção à Santa cresceu e, em 1930, tornou-se a padroeira do País.

ARACY CÉSAR, rua

(Joaquim Furtado Pinto) - É a via pública, no conjunto habitacional Dr. Joaquim Furtado Pinto, que tem início na rua Francisco de Oliveira e finda na rua Wilson Valentim, segundo a lei nº 1.751, de 08.08.85, dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Darcy Luiz Vasconcelos Resende.

Aracy César nasceu a 18.07.1902 e faleceu no dia 21.07.1984. Exerceu a profissão de alfaiate durante mais de três décadas. Foi um dos criadores do comitê do Partido Trabalhista

Brasileiro (PTB) de Leopoldina. Era casado com Aracy de Paula César e seu filho, Setembrino Cesar, trabalhou na Coletoria Federal.

ARAÚJO, vila

(Praça da Bandeira) - Foi construída por volta de 1960 pelos irmãos Tito e Achilles Araújo, comerciantes no ramo de tecidos, calçados e armarinhos. Está localizada na rua Benedito Valladares.

Aqui vale registrar uma curiosidade que não se liga à vila.

Em um dos livros caixa antigos, da Prefeitura, código 233, fls 16, há o registro de pagamento feito a José Esperidião Nogueira, no valor de 1\$000, para limpar a rua e a fonte denominada Araújo.

ARGEMIRO AUGUSTO PINTO BITTENCOURT, rua

(Eldorado) – Começa na rua Coronel João Lau. Foi criada pela lei nº 2471, de 17.12.92.

Argemiro era maestro da Orquestra Leopoldina e exerceu a função de secretário do Ginásio Leopoldinense.

ARISTEU LACERDA MORAES, rua

(Jardim Bela Vista) – A denominação oficial desta rua surgiu com a lei nº 3.297, de 12.09.2000.

Quanto ao homenageado, sabe-se que foi batizado em Piacatuba, onde nasceu a 12.11.1895. Era filho de Firmino Carlos de Oliveira e Maria José de Lacerda. Neto paterno de José Vital de Moraes e Umbelina Cassiano do Carmo, bisneto paterno de João Inácio de Moraes e Anastácia Felisbina, por esta descendente de Vital Antonio de Oliveira e Maria Narciza de Jesus. Vital Antonio de Oliveira era filho de José Rodrigues Braga e Bernardina Caetana do Sacramento, neto paterno de João Fernandes e Benta Rodrigues, neto materno de José Dutra da Silveira e Francisca Maria do Sacramento, ambos imigrantes açorianos. A bisavó de Aristeu, Maria Narciza de Jesus, era filha de Bernardo da Costa de Mendonça e Maria Tereza de Jesus, tronco da grande família Furtado de Mendonça de São João Nepomuceno e Piacatuba. O óbito de Aristeu, em Leopoldina, foi a 19.10.1988.

Aristeu foi casado com Otolina Werneck, filha de Francisco de Lacerda Werneck e Maria Constança de Almeida, neta paterna do João Lourenço Ferreira de Lacerda e materna do Antônio Venâncio de Almeida e Rita Virgínia de Almeida. Pelo lado materno, descende de Antônio de Almeida Ramos.

Aristeu e Otolina são os pais de Dirceu Moraes Werneck, casado com Eponina Garcia Reiff, filha de Antonio Reiff e Vitalina Garcia de Matos.

ARISTIDES, DOM, rua

(Esteves) – Esta rua sempre foi e continua sendo, conhecida popularmente como “rua das Tabocas” ou, “Taboquinhas”. Liga a praça Gama Cerqueira à rua João de Almeida Cruz. Foi a lei nº 98, de 18.02.1950, que alterou para Dom Aristides o nome da conhecida rua das Tabocas.

Aristides de Araújo Porto é o nome completo do vigário da igreja do Rosário que, em 30.08.1931, sagrou-se bispo de Montes Claros (MG) e se tornou Dom Aristides.

Vale ressaltar que todas as referências encontradas sobre este padre dizem ter sido ele uma figura muito bondosa e humana, razão porque era querido por todos. Dom Aristides faleceu na cidade de Montes Claros, em 07.04.1947.

É interessante acrescentar que Dom Aristides tinha grande interesse na história de nossa região, tendo escrito algumas páginas com as informações que conseguiu apurar. Hoje, na secretaria paroquial da igreja do Rosário, existe um exemplar de um manuscrito deixado por ele .

ARISTIDES BADARÓ, praça

(Fábrica) – É a confluência das ruas Vinte e Sete de Abril e Pompílio Guimarães. Foi criada pela lei nº 1177, de 15.04.77, do vereador Joarês Sílvio da Costa. Ali ficava o bar Industrial, antigo ponto de encontro do bairro, que pertenceu ao homenageado.

Aristides da Silva Badaró, segundo o projeto de lei que deu nome ao logradouro, nasceu no distrito de Piacatuba, filho de tradicional família da cidade, foi comerciante e chefe de família exemplar. Era casado com Felícia Ferraz de Castro.

ARISTIDES POLICIANO DA SILVA, rua

(Jardim Bela Vista) – Foi criada pela lei nº 3.302, de 12.09.2000. Tem seu início na rua Lourenço Gonçalves Nunes e finda na rua Anderson Pereira Bela.

ARLETTE BASTOS, praça

(Chico Bastos) – Diz a lei nº 1.514, de 06.08.81, que a denominou, que esta praça está localizada no loteamento “Chico Bastos”.

Arlette era casada com Omar Bastos, dentista, também nome de logradouro. Residiu na casa de seu sogro, Francisco de Andrade Bastos, na então rua da Floresta. Atuante na vida social da cidade, na década de 60, era uma das organizadoras dos Bailes de Debutantes do Clube Leopoldina. De seu casamento são os filhos: Regina Helena, Luiz Fernando, Carlos Henrique e Silvia Amélia.

ARTHUR LEÃO, bairro

Confunde-se com os antigos bairros do Seminário e do Asilo. Neste trabalho, apenas a rua Padre José Gomes Domingues é citada como pertencendo a este bairro.

Dr. Arthur Guimarães Leão, segundo Mário de Freitas em “Leopoldina do meu Tempo”, residia num sobrado antigo, que existia na rua Gabriel Magalhães, nas proximidades do Ginásio.

ARTHUR MARANHA, rua

(Maria Guimarães França) – Começa na rua Raphael Iennaco e finda na rua Maria Castanheira. Recebeu esta denominação através da lei nº 1133, de 13.05.76, do vereador Guanahyro Fraga Mota.

Arthur nasceu em Verona, na Itália, em 13.03.1892. Veio para Leopoldina em 1897. Foi agricultor, industrial, comerciante e proprietário de hotel e bar (Hotel Gomes, antigo hotel Pimenta). Naturalizou-se brasileiro em 1957. Foi casado com Idalina Perilo Maranha e deixou sete filhos: Luiz, médico e ex-deputado estadual; Maria das Neves, que residiu em Ubá; João, bancário aposentado; Moacyr, funcionário do DNER; Guerino, servidor municipal; Ruth, casada com Pedro Domingues Chaves e Haroldo, advogado e ex-vereador e presidente da câmara municipal, também homenageado com nome de rua. Faleceu em 18.09.1967.

Arthur Maranha era filho de Luigi Maragna, falecido em Leopoldina 08.05.1915 e de Teresa Falavigna. Era irmão de Sylvio, que foi seu sócio em padaria da cidade.

ARY VASCONCELOS CUNHA, rua

(Nova Leopoldina) – Foi a lei nº 2.973, de 16.10.97 que nomeou a via pública que começa na rua Dom Gerardo Ferreira Reis e finda na rua Aloísio Soares Fajardo

Ary Cunha foi comerciante, ex-proprietário da Casa Emma, loja de calçados e armarinhos, localizada na praça Professor Ângelo. Posteriormente, com os filhos, criou o Bazar Ema, na rua Cotegipe, a indústria de torrefação de café “Ema” e adquiriu parte da fazenda do Paraíso. Faleceu em Leopoldina, a 16.07.1990, com 75 anos. Era casado com Venina Marques.

Descendia de tradicional família de Argirita, para onde migrou em meados dos oitocentos Antônio Pedro de Vasconcelos, filho de Francisco André de Vasconcelos e Maria Custódia Miranda, procedentes da região da atual cidade de Ouro Branco, MG. Antonio Pedro foi ascendente de Manoel Luiz da Cunha, pai do homenageado. Sua mãe chamava-se Laudemira Moreira.

ASTÓRICO BANDEIRA DE QUEIROZ, rua

(Popular) A denominação oficial desta rua surgiu com a lei nº 3.333, de 19.12.2000.

ÁTILA LACERDA DE CRUZ MACHADO, praça

(Centro) – É a praça que fica entre a praça Félix Martins, rua José Silva e rua Francisco de Andrade Bastos. Foi criada pela lei nº 2397, de 23.04.1992.

Átila, segundo Mário de Freitas, em Leopoldina do meu Tempo, era natural de Barbacena (MG) e foi funcionário público estadual. Era, também, professor e espírita atuante em Leopoldina. Foi casado com Herondina Domingues, filha de Rafael Domingues e Idalina Gomes.

AUGUSTO DE CASTRO, rua

(Imperador) – Começa na rua Agnelo Corrêa do Bem. Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 3188, de 19.10.1999.

AUGUSTO DOS ANJOS, POETA, rua

(Vale do Sol) – O nome desta rua aparece com a lei nº 3.310 de 19.09.2000.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu em Pau D'Arco (PB) e faleceu em Leopoldina em 12.11.1914. Formado em Direito, nunca exerceu a profissão. Poeta nacionalmente conhecido, sua obra mais importante surgiu no Rio de Janeiro em 1913 e denomina-se “Eu e outras poesias”.



Em 23.06.1914, Augusto dos Anjos mudou-se para Leopoldina e assumiu o cargo de diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, quando este ainda estava localizado na esquina da rua Sete de Setembro, esquina com a atual praça Gama Cerqueira.

Para Hamil Adum, professor do Ginásio Leopoldinense, em artigo para a Revista Acaiaca de março de 1954, “Augusto dos Anjos, filho da Paraíba, veio buscar, em Leopoldina,

sua vida e sua morte. E aqui, seu espírito criou muitos dos mais belos versos de toda a literatura”.

Segundo Mário de Freitas, em “Leopoldina do meu Tempo,” Augusto dos Anjos era casado com D. Ester, residia na rua Cotegipe e tinha um casal de filhos: Guilherme e Glória.

AURÉLIA G. DE ASSIS, praça

(Pirineus) – Localiza-se entre as ruas José Teixeira Pires e Fernando Novais de Oliveira.

SUMÁRIO